

“LEGIÃO É O MEU NOME, PORQUE SOMOS MUITOS”:
EXORCISMO E RESISTÊNCIA POLÍTICA
EM Mc 5,1-20

*Jair Rodrigues Melo**

Resumo

O texto de Mc 5,1-20 une narração comum de exorcismo com resistência ao poder romano. Com bela arte literária, o leitor é conduzido aos caminhos de uma libertação integral. O objetivo deste trabalho consiste em problematizar as contribuições do método histórico-crítico para identificação das prováveis razões da aglutinação entre exorcismo e críticas ao poder romano no texto marcano. Serão levadas em consideração as propostas da exegese científica na articulação entre texto, contexto e autor em vista da adequada atualização do material bíblico.

Palavras-chave: *Exorcismo. Método histórico-crítico. Império Romano. Resistência. Libertação.*

Abstract

The text of Mk 5:1-20 combines narration of common exorcism with resistance to the Roman power. With beautiful literary art, the reader is led to the ways of an integral liberation. The aim of this paper is to discuss the contributions of historical-critical method to identify the likely reasons agglutination between exorcism and criticism of the Roman power in marcan text. We shall take into consideration the proposals of scientific exegesis on the relationship between text, context and author in the appropriate update of the biblical material views.

Keywords: *Exorcism. Historical-critical method. The Roman Empire. Resistance. Liberation.*

* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. Bolsista, no Doutorado, pela CAPES/PROSUP.

Introdução

Nos dias atuais, os demônios ainda gozam de bastante espaço no imaginário popular. Com certa frequência se ouve que eles estão atormentando as pessoas e causando diversos problemas na saúde física e mental de muita gente. O assunto, na atualidade, encontra raízes em interpretações dos textos bíblicos. Jesus também é apresentado nos evangelhos como um grande exorcista e sua atividade enquanto tal revela a proximidade do Reino de Deus, o qual testemunhou em palavras e ações.

Diante da atualidade e pertinência do assunto, quando se reconhece que a Bíblia exerce papel importante enquanto fonte de conhecimento sobre manifestações dos demônios, cabe a pergunta: Quais os sentidos das narrativas de exorcismo nos textos evangélicos? Dada a complexidade do assunto, a proposta do presente artigo não é estabelecer um ponto-final na questão, mas suscitar interpretações que favoreçam a contextualização do tema em sua época, para melhor compreender as propostas literárias e teológicas presentes na Bíblia.

O texto que está em Mc 5,1-20 oferece possibilidades de interpretação que articulam críticas ao poder opressor do Império Romano através do exército, chamado de “Legião” e exorcismo. Como essa articulação foi possível? De que modo ela se configura como forma de resistência cristã ao poder imperial? Estas questões serão aprofundadas ao longo do presente trabalho. Para tal, serão consideradas as proposições teórico-metodológicas do método histórico-crítico.

Na primeira sessão serão discutidas as relações entre impureza, espíritos impuros e a prática do exorcismo, levando em consideração a tradição judaica, que exerceu influência sobre o imaginário cristão. Na segunda sessão será demonstrado de que modo as legiões atuavam no sentido de fazer valer a chamada *pax romana* e, por fim, na terceira sessão, será proposta uma hermenêutica do texto em questão voltada para articulação entre texto, contexto e autor, à luz do método histórico-crítico e na ótica da resistência cristã.

1. Impureza, espíritos imundos e exorcismo em Mc 5,1-20

A classificação de objetos, alimentos, animais e condições humanas como puras ou impuras tem enorme importância na tradição hebraica. A palavra *tamé* (impuro, imundo) e seus derivados ocorrem 279 vezes na Bíblia hebraica¹. O maior problema para uma pessoa impura era a restrição de acesso ao sagrado e, pelo fato de ela ser transmitida, havia também restrição no contato com pessoas e objetos. Impuro denota condição de impedimento. Em Lv 7,19-21 destaca-se

1. HARRIS, Laird R. et al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 271.

que uma pessoa contaminada não pode comer do sacrifício. Ela também deveria manter-se fora do acampamento, pois lá habitava o Senhor (Nm 5,1-4). Nessa perspectiva, a manifestação do sagrado ocorria apenas em lugares e condições puras. Onde havia impureza Javé mantinha-se afastado, pois Ele é puro, santo, perfeito e separado.

No judaísmo do primeiro século, preservava-se a ideia de que havia um círculo geográfico do puro e do impuro. O lugar mais puro era o *Santo dos Santos*, que ficava no Templo de Jerusalém. De forma que, quanto mais distante desse lugar, maior era o nível de impureza. Determinadas regiões eram notadamente impuras pela distância em relação a este centro e também pela condição de vida dos seus habitantes. A Galileia, por exemplo, não era bem-vista pelos que habitavam a Judeia². Em Jo 1,46 se lê: “E de Nazaré pode sair algo bom?” Além disso, mesmo que uma pessoa habitasse uma localidade considerada pura, porém, dependendo de suas origens familiares e do seu círculo social, ela poderia estar em condição de impureza leve ou grave.

Na narrativa do exorcismo do homem com espíritos imundos em Mc 5,1-20, vê-se que a cidade de Gerasa era tida como região impura. Esta cidade estava situada a mais de 50 quilômetros do Lago de Tiberíades. A impureza de Gerasa não era apenas pela distância em relação a Jerusalém, mas, sobretudo, por ser uma cidade helenista³. Sua fundação foi atribuída a Alexandre, o Grande. Dada a sua formação cultural, Gerasa tinha vários templos dedicados aos deuses gregos.

Para o povo judeu, a idolatria contaminava a terra (cf. Ez 36,18; Gn 35,2). Gerasa, por ser lugar de culto a outros deuses, era local impuro, e por isso, na mentalidade judaica, um judeu não deveria ir para lá, sob pena de ficar impuro, pois local impuro é fonte de impureza.

Um dos locais de maior impureza numa cidade é o cemitério. De acordo com Nm 19,16 encostar num túmulo implica ficar impuro, por isso, nos tempos de Jesus, os sepulcros eram caiados, a fim de ajudar as pessoas, ao identificá-las a se isentarem de contaminação. Um cemitério era considerado uma grande fonte de impureza pela grande quantidade de túmulos ali presentes.

O homem geraseno, além de habitar uma cidade impura, procedia de um lugar que era fonte de impureza, o cemitério de Gerasa. Estar presente em local impuro resulta em contrair impureza. Dessa forma, ele é apresentado no texto como vítima de uma série de espíritos impuros.

A expressão grega *pneumati 'akatartô* (espírito imundo) aparece em Mc 5,1-20 como equivalente à expressão *daimón* (demônio). No v. 15, percebe-se

2. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 186.

3. MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 385.

que o homem era endemoninhado, ou seja, era dominado por espíritos imundos, estava possuído por demônios. Mas afinal, quem eram os demônios?

Já no Antigo Testamento, os demônios são associados a espíritos que, ao possuírem pessoas, causam-lhes enormes danos. Em 1Sm 16,14 lê-se que todas as vezes que um “espírito mau” acometia Saul, ele entrava em profunda tristeza e loucura.

No judaísmo neotestamentário percebe-se uma influência da demonologia mesopotâmica e da fé grega nos *daimones*. De acordo com essas culturas havia seres intermediários entre os deuses e os homens, que podiam fazer o mal aos seres humanos. Sob influência da cultura mesopotâmica, os judeus acreditavam que os demônios eram causa de diversas doenças e desgraças.

Os demônios são também chamados de “anjos” de satanás, para quem está destinado o fogo eterno (Mt 25,41). O texto de 1Jo 4,1 alerta os cristãos para que saibam discernir entre o espírito que é de Deus e o que não é.

Na Palestina do primeiro século havia inúmeros exorcistas e Jesus se apresenta como um deles.

O Jesus histórico atuou como médico e exorcista itinerante. Assim como seus contemporâneos, Ele atribuía a demônios a causa das enfermidades do corpo e da mente. Logo, a cura consiste na expulsão do intruso... As expulsões de demônios e as curas de diversas doenças são vistas como a mesma coisa para o homem daquela época⁴.

Nas experiências de possessão demoníaca nos textos bíblicos notam-se algumas características comuns entre elas, como a entrega do indivíduo ao demônio, a luta entre o demônio e o exorcista e a atividade demoníaca destruidora, tanto interna quanto externa ao sujeito.

De acordo com Theissen e Merz⁵, a ausência de rituais nos exorcismos de Jesus é um dos seus distintivos. Flávio Josefo destacava que o exorcista judeu Eleazar utilizava diversas fórmulas conjuratórias, um anel e também uma raiz para expulsar um demônio.

No Evangelho segundo Marcos os exorcismos feitos por Jesus são sinais da manifestação do Reino de Deus. Ao anunciar a boa-nova, Jesus liberta as pessoas de suas mazelas e, pelo poder de sua palavra, livra as pessoas da influência de todo mal.

4. VAILATTI, Carlos Augusto. *Manual de demonologia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 90.

5. THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico*, p. 317.

2. Legião a serviço da *pax romana*

Em Mc 5,9, Jesus pergunta ao demônio que acometeu aquele homem qual era o seu nome e este responde: “Legião é o meu nome, porque somos muitos”. O termo “Legião” não era estranho para as sociedades dominadas pelo Império Romano, pois esse era o nome do exército que fazia valer a segurança, a expansão e consolidação do poder imperial. Tudo isso ocorria sob a égide da chamada *pax romana*.

O poder das legiões romanas se fundamentava numa estrutura complexa de cargos, funções e localizações estratégicas que favoreciam o controle imperial. A força brutal era um poderoso instrumento de dominação. Nesse sentido, pode-se dizer que:

A força legionária romana era considerada letal. Dois exemplos são significativos: 1) O Governador Varo precisou de três legiões e tropas auxiliares para esmagar revoltas na terra judaica. Quando ele chegou a Jerusalém, crucificou, segundo o relato de Josefo (Guerra, 2.75), “dois mil rebeldes”. As crucificações em massa marcaram o começo e o fim da primeira guerra romano-judaica; 2) no início do verão de 66 d.C., Floro, governador romano da terra judaica, ordenou a suas tropas que atacassem dentro da cidade⁶.

A partir do surgimento do Império Romano em 27 a.C., o Imperador Otávio Augusto implantou uma série de medidas administrativas que objetivavam atenuar as tensões sociais, garantir a estabilidade do poder romano nas províncias e realçar o poder controlador do imperador; tratava-se da *pax romana*. Tais medidas eram, sobretudo, caracterizadas pelo uso da violência para combater qualquer tipo de afronta ao poder imperial. Nesse sentido, a formação de legiões também estava orientada para tais objetivos.

Na época da produção do Evangelho segundo Marcos (ou um pouco depois), provavelmente, os cristãos conheceram mais profundamente o poder repressor do exército romano, na ocasião da guerra dos judeus contra Roma entre 66 e 70 d.C. Nesta guerra, Vespasiano, a quem foi confiada a direção da guerra por Nero, dispôs de três legiões da Síria e uma quarta recrutada no Egito. Sem grandes dificuldades os legionários conseguiram destruir os focos de resistência judaica e se apoderaram facilmente de cidades como Tiberíades, Gamala (em Galunítide) e do Monte Tabor⁷.

Diante da força das legiões romanas, muitos provincianos sucumbiram. Como elas estavam especialmente a serviço dos interesses do imperador, usavam

6. ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Exército Romano: conquista, terror e violência*. PISTIS PRAXIS, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 69, jan/jun, 2011.

7. SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 91.

da força militar para consolidar a ideologia imperial, fato que, por diversas vezes, entrava em confronto direto com os cristãos. Para exemplificar esses conflitos, pode-se citar a exigência do culto imperial, cuja resistência por parte dos cristãos se manifesta em textos apocalípticos com narrativas de culto ao Deus único interpretado como “Rei dos reis” e “Senhor dos senhores” (cf. Ap 17,1-18).

3. Exorcismo e resistência política no texto em questão

Atualmente, o método-histórico crítico tem mantido grande força nas produções acadêmicas que versam sobre os textos bíblicos. Fundado no final do século XVIII, ele oportuniza uma forma de trabalho com a Bíblia baseada na crítica literária, crítica de fontes, redação e forma.

Essa proposta de problematização do contexto de produção do texto bíblico, levando em consideração a análise crítica de seu processo redacional, é bastante expressiva em relação ao método histórico-crítico que é, sem dúvida, uma das metodologias de trabalho com os textos bíblicos mais influentes na exegese contemporânea. Por este viés, pode-se dizer que:

Grande parte da Bíblia apresenta um relato narrativo de acontecimentos que afetaram a vida dos judeus antigos e dos cristãos primitivos, por isso os diversos relatos têm de ser analisados contra o pano de fundo humano e histórico apropriado, em seus contextos contemporâneos e em suas línguas originais⁸.

Em relação ao texto em questão, sabe-se que em seu processo redacional ele sofreu alterações importantes até chegar à estrutura atual. Possivelmente, os vv. 1-8 faziam parte de uma narrativa mais antiga de exorcismo, onde a ordem para saída do corpo do possesso marcava a libertação imediata do possesso. No texto em questão, após a ordem de Jesus “sai deste homem, espírito impuro” (cf. Mc 5,8), ele ainda mantém diálogo com o espírito impuro ao perguntar o seu nome, conforme se lê no v. 9. Dando a conotação de que o espírito não saiu imediatamente, porém, percebe-se que duas narrativas distintas foram costuradas.

Tem-se aqui, de fato, uma associação da possessão com críticas ao poder do Império Romano. Dessa forma, pode-se perceber que há uma “costura” no texto, onde, a partir do v. 9, demonstra-se que a narrativa anterior recebeu acréscimos que dão novo direcionamento acerca do sentido daquele episódio.

No que diz respeito às fontes utilizadas pela tradição marcana para elaboração do texto, a fonte dos ditos, material provavelmente útil na produção deste

8. FITZMYER, Joseph A. *A interpretação da Escritura: Em defesa do método histórico-crítico*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 78.

evangelho, já trazia narrativas de exorcismos⁹. E, neste caso, tais narrativas poderiam receber uma nova perspectiva de construção literária em função das condições sócio-históricas de comunidades cristãs que partilhavam essas memórias.

O Evangelho segundo Marcos apresenta Jesus como o messias que proclama e aproxima as pessoas do Reino de Deus, especialmente os pobres e marginalizados. A proclamação do Reino consiste em palavras e sinais, que constituem a dupla faceta da revelação¹⁰. Dentre a série de milagres que Jesus realizou encontram-se os exorcismos. Nessas narrativas, Jesus é interpretado como aquele que vence o diabo e seus demônios, sendo estes a causa última de todos os males.

Isso significa que, com a presença do Reino, já não existe nenhum mal que possa ser considerado definitivamente inevitável e irresistível. Todo o mal será destruído, já não há motivo para o fatalismo. Jesus começou esta luta, na qual devem cooperar todos os seus até alcançar a vitória final, que será realizada em sua parusia. De acordo com a mentalidade dos contemporâneos de Jesus, os espíritos impuros estavam nas origens das enfermidades e das desgraças. É uma concepção que reflete uma visão religiosa do mal, que vê a desordem do mundo a partir da revelação, ângulo diferente das causas imediatas experimentais¹¹.

Em Mc 5,9, os espíritos maus que acometeram o geraseno são chamados de Legião. Vale ressaltar que, nos rituais de exorcismos nos tempos de Jesus, perguntar o nome do demônio era muito importante para saber de que ele era capaz na vida daquele que foi por ele acometido. Encontra-se aqui uma referência ao exército romano, principal instrumento de coerção do Império. As ações da Legião, oriunda de realidades impuras (já que veio do cemitério), conferem àquele homem um poder descomunal. De tal forma que nem com correntes conseguiam prendê-lo, ninguém conseguia subjugá-lo. O texto marcano realça o poder de Jesus dizendo que o homem, ao o ver de longe, prostrou-se aos seus pés, reconhecendo sua filiação divina (cf. Mc 5,6).

A relação entre a Legião romana e os espíritos impuros, neste texto, aponta críticas ao poder romano. Roma era politeísta e divinizava o imperador, bem como exigia dos povos subjugados a mesma reverência ao seu *pontifex maximus* (pontífice máximo). As práticas idolátricas eram interpretadas como uma das principais causas da impureza. Roma era considerada cidade impura e transmisora da mesma. Por isso, dela provinham espíritos imundos capazes de oprimir e originar diversos males.

9. THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico*, p. 317.

10. MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave-Maria, 2000, p. 134.

11. MONASTERIO; CARMONA. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 134.

O pedido para que eles fossem enviados aos porcos faz sentido também na medida em que compreendemos o porco como animal impuro, conforme se lê em Lv 11,7. Na concepção judaica, pessoas, animais e objetos impuros estão privados da ação divina e, por isso, mais propensos à influência de espíritos maus. Apesar da influência da cultura judaica, os cristãos entendiam que Jesus era fonte de toda pureza e purifica quem dele precisa. Nesse sentido, os espíritos maus vão para os porcos em função de sua condição de impureza. Percebe-se que a “Legião” termina sendo reduzida à ação em porcos e nem mesmo estes a suportam, precipitando-se no mar. Nesse sentido, entende-se que:

A verdadeira batalha narrada pelo “evangelho” se desenrola entre Jesus, o Humano, e o domínio de satanás administrado pelos “homens fortes” como César, por exemplo. Logo depois que Jesus rompe com a classe dirigente judaica mediante a ação simbólica do exorcismo na sinagoga, Ele também chama a atenção dos imperialistas romanos na narrativa do endemoninhado geraseno. Marcos em lugar algum é mais ousado que em 5,9-10, o único lugar em que Jesus arranca de um demônio a declaração de sua identidade¹².

Em Mc 5,15 demonstra-se que as pessoas ficaram admiradas por verem o homem que fora endemoninhado em são juízo. Enquanto estava sob o poder dos espíritos impuros era completamente dominado por eles. Estava impedido de usar suas próprias faculdades mentais e discernir sobre suas atitudes. Sob o poder da Legião este homem havia se tornado meramente passivo. Após o exorcismo, livre do poder opressor, assume sua condição de sujeito. Estar em são juízo significa que ele estava apto para pensar, julgar e agir conforme suas próprias capacidades. Sob o jugo do domínio imperial as pessoas perdiam a condição de sujeito e a lucidez necessária para discernir caminhos de vida em plenitude.

A brutalidade com a qual o exército romano tratava comunidades judaicas (vale ressaltar que não faziam claras distinções entre judeus e cristãos) tinha o objetivo de levar o povo à submissão¹³. Assim se expressam Horsley e Hanson: “repetidamente os exércitos romanos incendiaram e destruíram completamente cidades e massacraram, crucificaram ou escravizaram suas populações”¹⁴.

A mudança de comportamento do geraseno permite identificar o que significa estar sob influência da Legião e o que significa estar liberto por Jesus. Livre da Legião o homem assume a condição de sujeito e também anuncia as ações de Jesus em sua vida, sob o poder da Legião é passivo e oprimido.

12. MYERS, Ched. *Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 502.

13. HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 44.

14. HORSLEY; HANSON. *Bandidos profetas e messias*, p. 44.

Não só o Jesus histórico tinha uma atividade como exorcista, mas também esta atividade tinha uma grande importância para a sua autocompreensão. Nesta perspectiva, os exorcismos realizados por Jesus eram expressão de que as pessoas estavam vivendo tempos novos, os tempos do estabelecimento definitivo do Reino de Deus, cujo poder liberta de todas as opressões¹⁵.

O texto marcano ao unir exorcismo e críticas ao poder opressor do exército romano demonstra que, já em meados da década de 60 do primeiro século, a memória sobre as ações de Jesus, transformadas em narrativas escritas, estava orientada para a resistência ao opressor. A literatura se constituiu como importante instrumento de fortalecimento da fé cristã, apesar das adversidades.

Conclusão

A denominação dos espíritos impuros como “Legião” é uma clara referência ao poder opressor do Império Romano. Essa identificação expressa como os cristãos interpretavam o exército romano. Viam-no como grande instrumento de força do Império. Suas atividades estavam alinhadas com a política da *pax romana*. Ninguém era capaz de deter esse poderoso exército.

Porém, diante da pessoa de Jesus, o geraseno foi libertado da condição de endemoninhado, que aqui equivale a vítima do poder do exército. Essa ressignificação da possessão demoníaca desloca a origem dos males da esfera teológica para a esfera política. Ela também expressa que assim como os demônios agem sob o comando do diabo, uma vez que são seus anjos (mensageiros), o Império é também seu instrumento.

Jesus inaugurou novos tempos em que o mal começou a ser destruído e uma nova estrutura de poder está sendo implantada, em contraste com o poder temporal opressor. Este último transforma as pessoas em meros indivíduos passivos e livres de são juízo. Aquele instaura o Reino de Deus, onde todos podem gozar da experiência de uma libertação integral a partir da qual a impureza apassivadora cede lugar ao anúncio do Cristo libertador.

Jair Rodrigues Melo
Rua Eduardo Mclain, n. 390, apto. 203
Bairro Triângulo
Juazeiro do Norte, CE
E-mail: contatojairrodrigues@gmail.com

15. THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico*, p. 317.

Bibliografia

FITZMYER, Joseph A. *A interpretação da Escritura: Em defesa do método histórico-crítico*. São Paulo: Loyola, 2011.

HARRIS, Laird R. et al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.

McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

MYERS, Ched. *Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Exército romano: conquista, terror e violência. *PISTIS PRAXIS*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 69, jan/jun, 2011.

SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1983.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2004.

VAILATTI, Carlos Augusto. *Manual de demonologia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.